

O que os olhos veem, mas não enxergam: a invisibilidade do Slackline e da Orientação entre crianças não-participantes da Escola de Aventuras

Área temática: Educação

Aline Mora Banuth ¹, Giuliano Gomes de Assis Pimentel ², Erika Fernandes de Almeida Arruda ³

¹ Aluna do curso de Educação Física- Bacharel, bolsista de Extensão DEX/UEM, contato: alinebanuth5@gmail.com

²Prof. Dr. Depto de Educação Física- DEF/UEM, contato: ggapimentel@uem.br

³Me. Depto de Educação Física UEM, contato: erikaferalmeida81@gmail.com

***Resumo.** Este trabalho partiu da ideia de verificar como crianças que nunca tiveram contato com atividades de aventura visualizam essa prática. Para tanto, elas observaram fotos impressas de aulas da Escola de Aventuras. Participaram crianças entre seis a nove anos de idade da cidade de Astorga/PR, que não tiveram contato com o projeto. Analisamos os resultados das modalidades, comparando a perspectiva das crianças com a explicação preestabelecida dos integrantes do projeto. As modalidades Orientação e Slackline foram aquelas que menos foram identificadas. Essa invisibilidade revela conhecimento insuficiente na comunidade e situa o desafio da Escola de Aventuras em aperfeiçoar a comunicação nas mídias e nas escolas.*

***Palavras-chave:** Comunicação- percepção- ensino*

INTRODUÇÃO

O Referencial Curricular do Paraná – BNCC relativo à Educação Física considera o lazer como um propósito basilar para justificar a aprendizagem de práticas corporais na escola. Ademais, considerando fundamental a diversidade, sugere o ensino de práticas corporais de aventura (PCA).

Esse dimensionamento do BNCC estadual remeterá as instituições de ensino ao questionamento de como ensinar as PCA no contexto escolar. De forma pioneira, o estudo de Cássaro (2011), aborda essa problemática e identificou na época, a ausência de PCA na rede municipal de Maringá-PR. Para sanar essa ausência, o autor sugere a adoção de práticas com baixo custo e risco a exemplo do Slackline e da Orientação.

O Slackline, trata-se de uma PCA com origem em 1980, quando escaladores observaram em sua prática efeitos positivos, consistindo na realização de movimentos estáticos ou dinâmicos, sobre uma fita estreita e flexível presa em dois pontos fixos. Porém, compreendemos que o maior acesso se dá em ambientes não escolares. Entretanto, há uma parcela da população que não possui os meios necessários para usufruir destas práticas no momento do lazer, tornando-se necessária a discussão sobre a inserção das PCA na escola (GUEDES, 2019).

Por Orientação se entenda um esporte no qual o praticante, com auxílio de mapa e uma bússola, tem como objetivo encontrar pontos estabelecidos, em um terreno desconhecido (AIRES et al,2011). Dessa forma, compreende-se, em sua essência, um

viés interdisciplinar, visto que sua prática carece de conhecimentos advindos de diversas disciplinas. Contribui assim, para a compreensão da relação teoria e prática e possibilita uma formação mais crítica, criativa e responsável (THIESEN, 2008).

No contexto da extensão universitária da UEM, essas práticas são ensinadas desde 2010 como pesquisa-ação e desde 2014 como extensão. No início, o projeto era realizado com crianças e adolescentes de ambos os sexos a partir dos 10 anos, em uma quadra externa do Departamento de Educação Física, com a modalidade de skate *street*. Em 2011, com a doação de uma parede artificial de escalada pelo Lions em parceria com a Sociedade Eticamente Responsável, o projeto é iniciado em forma de dois projetos independentes (skate e escalada esportiva), ocorrendo na parte externa do Museu Dinâmico Multidisciplinar.

Ao decorrer dos anos, a Escola de Aventuras passou por diversas modificações, as quais foram incluídas as modalidades de slackline e parkour no ano de 2015. Já em 2016, o projeto toma lugar na grade curricular com mais uma modalidade a orientação. Além disso, são agregados temas geradores, articulando-se com matemática, línguas, artes e geografia, sendo desenvolvidas no Colégio de Aplicação Pedagógica (CAP), para os primeiros, segundos e terceiros anos.

A Escola de Aventuras tem a missão de educar para e pelo o lazer por meio das modalidades de aventuras: skate, escalada, slackline, parkour e orientação com bússola. Além disso, apresenta valores educacionais e de aprendizagem as quais todos possam vir a desempenhar sendo estes: a aprendizagem segura com gestão de riscos; a cross-disciplinariedade; o respeito ao ritmo de aprendizagem; a sustentabilidade; e a promoção da cultura dando voz às crianças em pequenos grupos, com incentivo à criatividade.

Dessa forma, após tomar conhecimentos dessas informações, na atualidade a pesquisa está buscando conhecer qual é a percepção de crianças que não tiveram contato com o projeto, e assim compreender a visão que estas têm sobre as PCA. Com isso, estabelecer qual é a lacuna de conhecimento entre quem possui acesso e quem não possui à Escola de Aventuras.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esse estudo caracteriza-se como qualitativo. Para a análise, toma-se como base a primeira fase do método de análise de Panofsky (2007), consistindo na busca dos princípios formais que regem a representação do cosmo visível. Neste nível primário, não se usa conhecimentos nem domínios culturais aprofundados para perceber a mensagem.

Foram convocadas 16 crianças da cidade de Astorga/PR, entre as idades de seis a nove anos, colocando a prioridade de entrevistar quatro crianças de cada idade, sendo elas duas meninas e dois meninos. Separadamente, foram feitas conversas expondo e explicando às crianças como o projeto funciona e se elas tinham algum interesse em atividades de aventura. Logo após, foram mostradas imagens e assim solicitado que ao observar cada uma delas, estas dissessem o que percebiam de importante na foto.

Mesmo o parkour fazendo parte da Escola de Aventuras, ele não foi abordado no estudo com as crianças porque nossa realidade não possui registros de equipamento ou gesto técnico para caracterizar essa modalidade.

RESULTADOS

A coordenação do projeto estipulou a seguinte interpretação à figura 1: “As crianças que estão na plataforma do slackline, foram auxiliadas por suportes de ferro para a manutenção do equilíbrio locomotor. Essa já é uma forma do movimento sendo representada por um nível mais elevado de participação na modalidade slackline”:



Figura 1. Plataforma de Slackline

As crianças, por outro lado, notaram a parte do equilíbrio, todavia, trocaram a plataforma por fitas, madeira e corda. Ademais, viram os suportes e um dos meninos, por causa da fantasia, perguntou se ele estava treinando para o circo.

A coordenação do projeto estipulou a seguinte interpretação à figura 2: “Crianças aprendem a usar a bússola em atividades lúdicas de exploração do espaço escolar”



Figura 2. Crianças aprendendo sobre orientação com bússola

As crianças do estudo tiveram muita dificuldade em saber do que se tratava. Para elas, a bússola era, na verdade, um colar ou uma lupa. Somente as crianças de nove anos identificaram o objeto. Contudo, notamos que a imagem não ajuda na identificação,

visto que foi feito, também, uma coleta piloto com crianças do CAP que tiveram o projeto em seu primeiro ano, e elas tiveram dificuldade em reconhecer o objeto imediatamente. Em geral, não lembram do nome da modalidade, mas sabem os rudimentos e objetivos da modalidade.

CONCLUSÃO

Após finalizar a pesquisa, concluímos que as crianças apresentam baixos conhecimentos sobre as PCA Slackline e Orientação. Elas usam de sua criatividade para tentar identificar o que elas, em sua maioria, ou não lembram o nome ou nunca viram a prática em suas vidas.

Dessa forma, faz-se necessário que o projeto, em seu âmago, torne tais práticas mais conhecidas e as comunique com maior clareza a quem as observa, pois essas modalidades são importantes para um bom desenvolvimento, tanto para a criança quanto para o adulto, que muitas vezes também não as conhece. Por fim, estratégias de ensino de Slackline e Orientação no ensino formal precisarão reforçar a dimensão conceitual, dado o insuficiente conhecimento prévio dessas modalidades.

REFERÊNCIAS

AIRES António et al. Orientação: Desporto com pés e cabeça. Federação Portuguesa de Orientação – FPO. Revista (para distribuição digital). 2. ed. p 01-160, Fev de 2011. Disponível em: <http://www.fpo.pt/www/images/fpo/OrientacaoEscolas/livro_orientacao_desporto_co/m_pes_e_cabeca.pdf> Acesso: 02 ago. 2019.

CÁSSARO, Elisandro. Ricardo. Atividade de Aventura: Aproximações Preliminares na Rede Municipal de Ensino de Maringá-Paraná. Especialização em Educação Física na Educação Básica. Universidade Estadual de Londrina, 2011.

GUEDES, Diogo Geraldo da Silva. Slackline: desafios e possibilidades no ambiente escolar. Rev Corpoconsciência, v. 23, n. 01, p. 48-57, 2019.

PANOFSKY. Erwin. Significado nas Artes Visuais. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

THIESEN, K. S. A interdisciplinaridade como um movimento de articulação no processo ensino-aprendizagem. Rev. Bras. Educa, v. 13, p. 87-102, 2008.